

SER MAIS CONSCIENTE --- SER MAGIS

ROTEIRO PARA ENCONTRO COM JOVENS: *Ser mais consciente e superar a violência*



MAGIS
BRASIL



JESUÍTAS BRASIL

SUBSÍDIO



Ser mais consciente e superar a violência

Neste ano, o Programa MAGIS Brasil propôs o tema comum Ser mais consciente. Ao propor o tema, o Programa nos interpela a reconhecer e superar as estruturas sociais e condições existenciais desumanizantes. A violência é uma das realidades que impedem o ser humano de ser mais, realizando suas potencialidades, e que está profundamente enraizada na desigualdade e na injustiça, estruturalmente presentes na sociedade brasileira. Em sintonia com a Campanha da Fraternidade 2018, que fala da superação da violência, propomos aos diversos grupos de jovens que aprofundem a temática da violência, buscando ser mais conscientes dessa realidade e engajar-se em sua transformação.

- Esse material é um roteiro voltado para vários tipos de grupos de jovens, que queiram refletir o tema das formas de violência e sua superação, como nos propõe a Campanha da Fraternidade 2018.
- O Material foi elaborado pelo Eixo de pedagogia e metodologia do trabalho com jovens, do Programa MAGIS Brasil¹. É um roteiro que pode e deve ser adaptado à realidade religiosa, cultural e social de cada grupo.
- Antes de iniciar o encontro, a pessoa responsável por animar/coordenar o encontro deve preparar os materiais que serão necessários e um ambiente para receber os/as participantes: cadeiras em círculos, cartazes e símbolos referentes ao tema.

¹ O Programa MAGIS Brasil é uma rede de serviço voltada à juventude, mantida pela Companhia de Jesus, ordem religiosa dos padres e irmãos jesuítas.

1. Iniciando a conversa

Animador

Sabemos que a violência não se manifesta apenas de uma forma, mas de variados tipos. Podemos definir ao menos três:

Violência estrutural:

é a negação de direitos e de cidadania. Quando não há, por exemplo, distribuição justa da renda, impossibilitando as pessoas de viverem dignamente.

Violência física: é voltada aos nossos corpos. Esse tipo de violência é fácil de ser percebido. Porém, como é crescente sua banalização, sobretudo nos meios de comunicação, corre-se o risco de cairmos na indiferença em relação a esse tipo de violência.

Violência simbólica:

é um tipo de violência difícil de perceber na sociedade, mas seus efeitos são grandes. Essa violência acontece por situações de constrangimentos, discriminações, ameaças. Por exemplo, como a sociedade trata o/a negro e a mulher?

A juventude sofre com todos esses tipos de violência e, hoje, podemos dizer que os/as jovens estão no centro dos debates sobre violência. São eles/as os/as quem mais morrem, a maioria dos encarcerados e boa parte dos que são recrutados pelo tráfico ou outras ações violentas.

2. Dinamizando o tema

- ▶ O objetivo dessa atividade é motivar os/as participantes a aprofundarem o tema, a partir dos conhecimentos que eles/as trazem sobre sua própria realidade juvenil. Dessa forma, pretende-se também chamar a atenção para as violências que a juventude sofre.
- ▶ No centro da sala, um cartaz com um desenho de um corpo, representando a juventude. Pequenas tarjas pretas.

Animador/a:

as atuais gerações de jovens vivem sob o signo da violência, do desemprego, da precarização, diferentes formas de exterminar a vida. O animador/a do grupo deve fazer perguntas

que motive os/as jovens a responderem as questões, percebendo as suas próprias vidas e a de outros jovens:

- Quais são as marcas dessas violências na vida dos/as jovens em nosso país?
- Quais violências os/as jovens sofrem?
- Quais violências sofremos em nosso bairro, grupo ou comunidade?
- Quais são as marcas das violências deixam na vida da juventude?
- Do que os/as jovens têm medo?

- ▶ Na medida em que os jovens vão dialogando, pode-se colocar as tarjas pretas, representando essas marcas sob o corpo no cartaz.

3. Falando sobre a violência que atinge a juventude

► O texto abaixo pode ser utilizado pelo/a animador/a do encontro para se preparar. Ou pode ser lido (em duas ou três vozes) durante o encontro, ajudando a sistematizar a discussão da dinâmica anterior. As perguntas ao final podem servir para um aprofundamento crítico da discussão iniciada.

Os dados da realidade brasileira mostram que há muitos desafios para a garantia de uma vida segura para a juventude. Nos últimos anos, muitas organizações, movimentos sociais, pastorais e coletivos têm denunciado sistematicamente a violência contra jovens, de modo marcante contra jovens pobres e negros das periferias dos centros

urbanos e do campo, demonstrando que ainda há muito a ser feito para tornar minimamente real os direitos de uma significativa população.

Os dados de homicídios que vitimam jovens são muito preocupantes. Segundo o Mapa da Violência 2014, o Brasil registrou, em 2012, 56.337 homicídios. Desse total de pessoas mortas, 30.072 eram jovens, o que equivale a 53,37% do total de homicídios desse ano, dos quais 77% eram negros (pretos e pardos) e 93,3% do sexo masculino. Ou seja, enquanto entre a população geral, a taxa é de 29 assassinatos por 100 mil habitantes, entre os jovens esse número sobe para 57,6 para cada 100 mil. O Mapa da Violência revela ainda que do total de óbitos de jovens de 16 e 17 anos em 2013, 46% foram causados

por homicídios.

Esses números são mais perversos quando se faz o recorte racial. Enquanto 6.823 jovens brancos foram assassinados em 2012, 23.160 jovens negros foram mortos. Isso significa que a taxa de homicídios do primeiro grupo chegou a 29,9 para cada 100 mil, ao passo que entre os negros atingiu 82,3 jovens a cada 100 mil. Dito de outra forma, em 2013, mais de 63 jovens negros foram assassinados por dia.

Ao lado desse processo de genocídio, está o de encarceramento dos jovens. No Brasil, que tem a terceira maior população carcerária do mundo, 56% dos presos são jovens de 18 a 29 anos (ainda que os jovens representem apenas 26% da população total do país). Também aqui o recorte racial revela desigualdades:

67% das pessoas presas são negras.

Apesar desses números, ou a partir deles, nota-se o fortalecimento de um imaginário social punitivo, que reclama um sistema penal mais duro em relação aos jovens, propondo medidas como a redução da maioridade penal. A ideia da população, em geral, é de que um endurecimento penal resultaria em maior segurança. E alguns governos têm transformado em plataforma política o investimento cada vez maior em mecanismos de repressão, ao passo que diminui os investimentos sociais, como saúde e educação.

A grande quantidade de jovens mortos por homicídio, aumentando e assustando a cada ano, revela que esses assassinados não ocorrem de maneira aleatória nem

por mera casualidade, mas tantas mortes estão sistematizadas em um processo de degradação social, em que as políticas públicas e a conjuntura socioeconômica favorecem ou ignoram a precariedade da vida das juventudes, deixando tantas vidas em situações de violência homicida.

Por ocasião da Campanha da Fraternidade 2018, algumas perguntas são fundamentais para serem refletidas e debatidas entre os/as jovens do país:

- Por que o jovem está no centro dos debates sobre violência no Brasil?
- O encarceramento e o extermínio de jovens pobres, negros e periféricos segue qual lógica e serve a quais interesses?
- Há alguma lógica e sentido nessa ação? Qual?
- Quais tipos de ações (do Estado, das Organizações sociais e eclesiais) podem contribuir para reverter esse quadro de violência que atinge a juventude?

4. Assumindo compromissos

Animador/a:

outros grupos estão refletindo a questão da violência e a defesa da vida da juventude. A Campanha da Fraternidade mobiliza vários setores da Igreja e da sociedade. Muitos grupos da sociedade civil estão se organizando para discutir as formas de superação da violência. Ou seja, muitos/as jovens e adultos/as estão empenhados/as em construir uma outra cultura. Uma cultura de paz e justiça. Ter Paz não significa apenas a ausência de conflitos; ela é o fruto de relações sociais justas, onde todos/as têm sua dignidade e seus direitos respeitados; onde a fraternidade acontece e as diferenças não são razão para discriminar, mas para enriquecer as relações. Nós temos grande tarefa nas mãos: colocar tijolos na construção da cultura de paz.

Animador/a:

abaixo seguem os seis itens da Cultura de Paz. Vamos nos comprometer individualmente e também motivar uma rede de pessoas e grupos para assumirem essa cultura.

► Sugere-se que cada item esteja previamente transcrito em filipetas e a cada vez que for lida, seja colocada em cima da tarjeta preta utilizada anteriormente, como marcas no corpo que representa a juventude.

1. Respeito à vida e à dignidade de cada pessoa, sem discriminação e preconceitos;
2. Prática da não-violência ativa junto com a recusa a todas as formas de violência;

3. Partilha do tempo e dos recursos materiais como forma de terminar com a exclusão, a injustiça e a opressão;
4. Defesa da liberdade de expressão e da diversidade cultural, com centralidade no diálogo;
5. Promoção de um consumo responsável;
6. Contribuir para o desenvolvimento de cada comunidade, aí compreendida a plena participação das mulheres e dos jovens e o respeito aos princípios democráticos.

Animador/a:

Ser mais consciente significa estar atento à realidade, ser crítico e resistente a todo tipo de projeto que desumaniza;

anunciar e construir uma realidade humanizadora. Assim, somos motivados a denunciar as desigualdades sociais, as injustiças, todas as formas de violência. E a anunciar insistentemente a paz, a justiça, a igualdade, no cotidiano de nossas vidas e em nossos atos mais rotineiros.

Animador/a:

Quais compromissos podemos assumir em favor da superação da violência? Quais grupos têm lutado pela paz e pela justiça em nossa região? Como é possível apoiá-los?

► Dar um tempo para o grupo levantar ideias e compromissos possíveis a partir das perguntas colocadas.

5. Iluminando com a Palavra

Texto Bíblico: Mt 5, 1-11

“Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus”

Animador/a:

Jesus nos anuncia um modo de viver e de construir uma sociedade em que a paz e a justiça estejam presente entre todos/as. Para os/as cristãos/ãs, Jesus é um modelo de pessoa (justo, livre, fraterno) e o Reino (a nova realidade que Ele nos anuncia) é modelo de sociedade a ser construída por cada um de nós, nos esforços cotidianos para construir a paz e a justiça.

► **Encerrar com a Oração da Campanha da Fraternidade 2018**

6. Avaliando o encontro

- Quais coisas aprendemos hoje sobre a vida da juventude, segurança, violência e paz?
- O encontro nos ajudou a olhar de uma maneira nova para esses ‘temas’?

Créditos

Realização:

Programa MAGIS Brasil

Texto:

Vanessa Araújo Correia

Colaboração:

Thaís Augusto do Nascimento e
Davi Caixeta, SJ

Projeto gráfico e diagramação:

Rodrigo TZK•D

Identidade Visual:

Dimas Oliveira, SJ

MAGIS
BRASIL



JESUÍTAS BRASIL